



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN NEWSLETTER

NÚMERO 132
ABRIL 2012

Prémio Vilalva para recuperação de prédio pombalino





4

Pequenas bibliotecas, grandes projetos

Os mais velhos ainda se lembram das carrinhas das bibliotecas itinerantes da Fundação Gulbenkian que distribuíam livros nos lugares mais recônditos do país, quando o conhecimento e o saber não eram uma prioridade do regime salazarista. A democracia veio possibilitar, entre muitas outras coisas, a criação de bibliotecas públicas, municipais e escolares, onde todos podem aprender o prazer da leitura. Nos últimos anos, a Fundação Gulbenkian apoiou quase cinco centenas de projetos, entre eles, os de pequenas bibliotecas públicas que fazem a diferença, como o que visitámos na Quinta São João dos Montes, em Alhandra.



FG+SG - Fotografia de Arquitectura



FG+SG - Fotografia de Arquitectura

9

Prémio Vilalva 2011

A recuperação de um prédio pombalino, em plena Baixa lisboeta, é o projeto vencedor do Prémio Vilalva 2011, cujo valor – 50 mil euros – se destina a distinguir, anualmente, uma intervenção exemplar no âmbito do património (bens móveis e imóveis de valor cultural).

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 132.ABRIL.2012 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Godinho | André Cunha | Luis Veiga da Cunha | Patrícia Fernandes
Vitor Faustino | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga
FOTO DA CAPA FG+SG - Fotografia de Arquitectura | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares
Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



14

Jardim com novos acessos

Uma parte do Jardim Gulbenkian tem novos caminhos para descobrir e para percorrer. A pensar nas pessoas com mobilidade reduzida e nas crianças, o Jardim tem menos degraus e zonas onde é fácil caminhar sem sobressaltos, aproveitando em pleno os dias de sol desta primavera.

22

“As boas ações estão sempre em alta”

Este é o lema da Bolsa de Valores Sociais, criada há pouco mais de dois anos, num projeto que reúne várias entidades, entre as quais a NYSE Euronext Lisbon e a Fundação Gulbenkian. Na rubrica Um Outro Olhar, o presidente da Euronext, Luís Laginha de Sousa, apresenta as razões para apostar numa Bolsa diferente das outras.

24

Conferências de Abril

Tim Lang, professor de Política Alimentar em Londres, trará ao Auditório 2, no dia 11, a pergunta: **É possível uma alimentação saudável e simultaneamente sustentável?**

A conferência faz parte do ciclo O Futuro da Alimentação, que decorrerá durante todo o ano na Fundação Gulbenkian, sobre as questões ambientais, económicas e de saúde relacionadas com a alimentação no futuro.

No dia 18, Ana Rita Pires, da nova-iorquina Universidade de Cornell, virá demonstrar como a arte do origami consegue resolver problemas que os métodos euclidianos nunca conseguiram, numa conferência incluída no ciclo Matemática: a Ciência da Natureza.

26

Uma biblioteca em chamas no Grande Auditório

A partir do quadro de Maria Helena Vieira da Silva *La Bibliothèque en feu*, o compositor Pedro Amaral volta à Gulbenkian Música com uma nova obra, nos dias 19 e 20, no Grande Auditório. *Transmutations pour orchestre* (nº 5.3) inspira-se, como diz Pedro Amaral, na obra da pintora: “Partindo das formas mais simples, chegamos a desenvolvimentos de extraordinária riqueza, num equilíbrio notável entre a permanência do gesto e sua renovação. É uma lição de composição – uma lição à qual a minha peça faz referência, por analogia, em várias das suas partes e em muitas das suas dimensões.”

índice

primeiro plano

- 4 **Pequenas bibliotecas, grandes projetos**

notícias

- 9 **Prémio Vilalva 2011**
12 **Património de influência portuguesa online**
13 **Aparições de Gérard Castello-Lopes em Paris**
14 **Jardim com novos acessos**
15 **O nosso km²**
Solidariedade ao pé da porta
15 **A gripe em tempo (quase) real**
16 **Médicas-cientistas premiadas**
17 **Think Tank Gulbenkian no 6º Fórum mundial da Água**

18 breves

bolseiros gulbenkian

- 20 **Rui Borges Maia**

um outro olhar

- 22 **Luís Laginha de Sousa**

em abril

- 24 **Por uma alimentação mais sustentável**
25 **A matemática nas dobras de papel**
26 **Uma biblioteca em chamas no Grande Auditório**
30 **Wagner - Da narrativa mítica à recriação musical**
31 **Último mês para ver Fernando Pessoa**

32 novas edições

- 33 **catálogos de exposições na biblioteca de arte**

uma obra

- 34 **Satisfaction**





Pequenas bibliotecas, grandes projetos

Em menos de dez anos, desde a criação do Programa Gulbenkian de Língua Portuguesa, a Fundação já apoiou 488 projetos de promoção da leitura em bibliotecas escolares, em bibliotecas municipais e noutras pequenas bibliotecas públicas. Foi um desses projetos apoiados que nos levou à Quinta São João dos Montes, onde fomos conhecer uma “pequena biblioteca” que é parte de um projeto maior.

Numa zona rural, a dois quilómetros de Alhandra, onde antes existiam instalações agropecuárias, encontramos a Quinta São João dos Montes, sede da Harpa, associação sem fins lucrativos de natureza pedagógica e sociocultural, reconhecida como IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) pelo Ministério da Educação. Somos recebidos por Leonor Malik e Ana Melo, que estão na associação desde que foi constituída, em 1999, mas que já trabalham juntas há 20 anos, quando se conheceram no ensino público

e participaram em programas de formação. A criação da Harpa surgiu com o intuito de levarem os seus projetos para outro nível.

“O nosso trabalho tem muito a ver com autodesenvolvimento, em qualquer área profissional. Durante os primeiros anos, a associação dedicava-se essencialmente à formação, mas depois achámos que este lugar maravilhoso de que dispomos deveria ser utilizado para que as crianças pudessem fazer aqui o seu percurso.” Assim nasceu, em 2004,



o projeto de um jardim de infância no primeiro edifício recuperado na Quinta. Entretanto, iniciaram-se os trabalhos de reconstrução de um segundo edifício, com vista à criação de uma escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a serem cumpridos os requisitos da DREL (Direção Regional de Educação de Lisboa), entre os quais se exigia a existência de uma biblioteca.

As duas pedagogas levam-nos a conhecer a sala de 70 metros quadrados que desde o início esteve destinada à instalação de uma pequena biblioteca. É um espaço inundado de luz natural, que tem vindo a ser equipado aos poucos. “Já tínhamos alguns livros para adultos, especialmente nas áreas da Psicologia e da Filosofia, mas não eram adequados para este projeto”, contam-nos. Assim, para concretizar este “sonho” apresentaram a sua candidatura no âmbito do concurso anual da Fundação Gulbenkian para Apoio a Pequenas Bibliotecas Públicas, entendidas como “unidades públicas ou privadas inseridas em instituições sem fins lucrativos, que promovam a leitura junto das populações da localidade onde estão sedeadas, e com âmbito territorial inferior ao das Bibliotecas Municipais”.

Aprovado o subsídio, aplicaram os cinco mil euros em livros (literatura infantojuvenil), mobiliário e computadores, mas também em *software* para a constituição de um catálogo



Ana Melo e Leonor Malik, da Harpa

que será colocado à disposição da comunidade local. Para isso contam com a colaboração da Junta de Freguesia de São João dos Montes, que fará divulgação das atividades da biblioteca através do seu *site*. “A prioridade é crescer e também ter um fundo bibliográfico a pensar nos adultos, porque queremos trazer a comunidade à biblioteca.” Na verdade, bibliotecas próximas só a da escola de Alhandra e as que pertencem aos municípios de Alverca, Vila Franca de Xira e Póvoa de Santa Iria. “É tudo longe”, rematam. Por isso, surge também a parceria da Harpa com o agrupamento de



escolas da zona, um aspeto que o concurso da Fundação valorizou: “Um dos objetivos da parceria é a itinerância de fundos. Todas as escolas deste agrupamento têm bibliotecas com um bom fundo documental. Podem emprestar-nos 200 livros por dois meses, por exemplo, em sistema de rotatividade”, explica Ana Melo, com larga experiência na criação de bibliotecas públicas. Em troca, a Harpa tem um grupo de marionetas (outro dos muitos projetos desta associação) que irá fazer espetáculos às escolas do 1.º ciclo do agrupamento, à semelhança do que já fez nas unidades de Pediatria dos hospitais D. Estefânia e Santa Maria. Em setembro de 2011, era então inaugurada a Escola do Jardim do Monte. Com uma particularidade: esta é uma das duas únicas escolas Waldorf em Portugal.

APRENDER COM O LIVRO DA NATUREZA

“O movimento Waldorf”, explica-nos Leonor Malik, “é um dos muitos movimentos pedagógicos que surgiram nos anos 20, ligado a Rudolf Steiner, com base na Antroposofia.” Na sua essência, esta metodologia trabalha em função das necessidades de cada criança, e não por idades ou por aquilo que elas têm em comum: “Uns acordam mais cedo e outros

mais tarde, mas há coisas muito fortes dentro de nós que não vêm de sítio nenhum”, afirma Leonor, que destaca a importância das características individuais nesta abordagem educativa. A dificuldade não surge assim tanto ao nível de formação científica dos professores ou educadores, “tem antes a ver com a capacidade de o pedagogo se adaptar ao que cada criança precisa e, para isso, é necessário aprender a conhecê-la”, explica. Para além da formação académica tradicional, um professor Waldorf necessita de uma formação específica de três ou quatro anos, embora em Portugal ainda não seja formalmente reconhecida.

“A pedagogia Waldorf é infinitamente a mais rica de todas as que conheço”, defende Leonor. Reconhece ser “suspeita”, porque dedicou toda a vida ao estudo desta pedagogia, mas também relembra que antes de mais é uma profissional do ensino. “Conheço a maioria dos movimentos que vale a pena conhecer”, diz esta doutorada em Ciências da Educação, para quem a especificidade da formação Waldorf é preparar professores que pensem: “Tenho de conhecer estas crianças para lhes dar aquilo que elas vão levar para a sua vida.”

Pelo meio envolvente, torna-se evidente que um dos aspetos mais significativos da pedagogia aplicada nesta escola é uma aprendizagem feita em harmonia com os ritmos da Natureza. Porque, ao contrário de outras escolas Waldorf que existem em contexto urbano, aqui há essa possibilidade. “Nós aprendemos com a Natureza se soubermos olhar para ela e estabelecermos uma ligação, por isso os meninos aprendem Matemática na horta”, explica-nos com um sorriso a pedagoga, enquanto pela janela da biblioteca avistamos a égua Alfina, residente na Quinta. “Tudo isto é um estudo, através do livro da Natureza.”

Todas as refeições são confeccionadas na Quinta, com produtos hortícolas aí produzidos. “A única exceção são as cenouras, que não se dão neste terreno argiloso e que compramos fora.”

Atualmente frequentam a escola 24 crianças, a maioria proveniente de Lisboa e Oeiras. Apenas duas são locais. As crianças dividem-se em dois grupos, de acordo com o seu nível de aprendizagem, ou melhor, as suas necessidades. “No ensino público, muitos tentam trabalhar assim, mas há a pressão dos resultados, das estatísticas...”, lamentam estas duas professoras aposentadas. “Fazem-se listas de conteúdos que é preciso engolir, ou não se engolem de todo.”

O quotidiano na Quinta São João dos Montes começa com a aula principal, durante a manhã, dada pelo professor tutor. “Nas escolas Waldorf, não se trabalha a Matemática ou o Português separadamente; trabalha-se por épocas, isto é, à volta de temas”, uma forma de realizar verdadeiramente a interdisciplinaridade. Dependendo da dinâmica do grupo, cada tema pode ser trabalhado em duas a três semanas. O resto do tempo é passado sobretudo ao ar livre, a brincar ou a realizar atividades que envolvam um contacto direto com a Natureza, mas também Música, Inglês ou Pintura.



FANTASMAS NO LUGAR DOS LIVROS

“Uma das valências desta pedagogia é o conto, a imaginação, o fantástico, com muita tradição oral”, por isso também está prevista a realização de atividades na biblioteca. Por enquanto, as crianças utilizam-na apenas para ir buscar livros. Mas, como ainda não existe a possibilidade de haver um bibliotecário a tempo inteiro, as crianças são encorajadas a colaborar na organização da biblioteca. Cada vez que levam um livro, deixam no seu lugar uma mão – um fantasma – que sinaliza o livro ausente. “Quando voltarem com a professora, já sabem onde vão arrumar o seu livro. Cada um desenha a sua mão, e isso também os obriga a perceber a organização dos livros”, uma vez que esta biblioteca, apesar da sua pequena dimensão, está organizada como qualquer outra biblioteca pública.

A escolha dos livros para crianças que figuram nas estantes é criteriosa, o que não significa que não aceitem ofertas de livros e jogos, trazidos muitas vezes pelos próprios pais. Os pais, aliás, tornam-se muitas vezes voluntários – tal como o são todos os outros colaboradores da associação. “É frequente aparecerem aqui pessoas extraordinárias”, diz com satisfação Leonor, que preside à Harpa. “Descobrimos

que o pai de uma das crianças, que já fazia trabalho voluntário na agricultura, tem uma grande adoração pela Grécia e sabe tudo sobre os Jogos Olímpicos, que eram originalmente um percurso de autodesenvolvimento e não a competição que se vê hoje.” Foi a pessoa certa, no momento certo. As crianças mais velhas estão agora a aprender essas modalidades: o dardo, o disco, a corrida, com todos os preceitos originais. “Na fase pré-adolescente, em que os jovens começam a sentir ansiedade porque não sabem para onde vão e o mundo lhes parece injusto, pode ser uma aprendizagem essencial: atirar um dardo é escolher um ponto, preparar o movimento certo e atingi-lo.” Por outras palavras, autoeducação através do corpo.

“Se tudo correr bem”, uma expressão recorrente no discurso de Leonor, no próximo ano, a escola terá o 2.º ciclo. “Já pedimos o reconhecimento do currículo Waldorf, do 1.º ao 6.º anos”, porque, numa escola Waldorf, o professor tutelar acompanha os alunos durante oito anos, numa relação que permite aprofundar a perceção das necessidades dos alunos. No fundo, trata-se de uma aprendizagem que não está dividida por ciclos, mas é necessário fazer um paralelismo com a escola pública. “Não pedimos ainda até ao 8.º ano, mas lá chegaremos.” ■

Programa Gulbenkian de Língua Portuguesa: apoios à promoção da leitura

De depois da extinção do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, que durante 44 anos fez circular pelos quatro cantos do país as emblemáticas carrinhas Citroën que emprestavam livros às populações com difícil acesso a bibliotecas, foi criado, em 2003, o Programa Gulbenkian de Língua Portuguesa. A realidade portuguesa tinha mudado, com um maior investimento do Estado na área da leitura pública e a gradual implementação de uma rede de bibliotecas a nível nacional. Os apoios às bibliotecas passaram então a ser atribuídos através de concurso anual. Em menos de dez anos, a Fundação investiu cerca de **três milhões de euros** em 488 projetos de promoção da leitura em bibliotecas escolares, em bibliotecas municipais e noutras pequenas bibliotecas públicas.

“Temos recebido propostas extraordinárias”, revela Maria Helena Borges, diretora-adjunta do Serviço de Educação e Bolsas da Fundação. Em 2003, logo no primeiro concurso lançado, a Biblioteca Pública da Batalha recebeu apoio para a adaptação de uma *vending machine* que emprestava livros 24 horas por dia. Mas os projetos nas bibliotecas públicas cujo público-alvo englobe “a idade difícil”, a partir dos 12-13 anos, são os mais valorizados. “É fácil, ou mais fácil, haver projetos de promoção da leitura até esta idade. A partir da altura em que as crianças se tornam jovens adultos, com mais autonomia, aí é que se perdem os leitores”, afirma a responsável. Também há projetos apoiados no âmbito da promoção da leitura para bebés, a partir dos três meses. “Hoje em dia, são projetos comuns, mas o primeiro foi realizado numa biblioteca pública de Loures. Envolvia leituras e projeções e foi feito em colaboração com os pediatras da zona. Muito inovador.”

No caso das bibliotecas escolares, do ensino básico e secundário, o concurso é feito em colaboração com a rede de bibliotecas escolares, “porque são muitas e os responsáveis pela rede têm maior capacidade de aferir quais as necessidades em cada ano, para cada escola”, explica Maria Helena Borges. Desde 2009, este concurso é dirigido sobretudo a bibliotecas de agrupamentos que tenham apenas o ensino secundário ou que o incluam. Isto porque passou a ser dada prioridade ao apoio a projetos de promoção da leitura digital. “Estamos a estudar as novas ferramentas de leitura nas vertentes de promoção, edição e da própria leitura. Com esta alteração no regulamento, queríamos perceber



se era possível ter alguns estudos de caso práticos”, acrescenta. *Tablets, e-readers, etc.* – Será uma nova maneira de ler? Será que lemos mais com estes novos instrumentos? Esta é uma questão ainda por responder. “Não temos para já resultados porque os projetos, em alguns casos projetos-piloto, ainda estão a decorrer. Está tudo em aberto... Até pode ser que se chegue à conclusão de que, em contexto de leitura pública em bibliotecas escolares, o que continua a funcionar melhor são os *tree-books*, e não os *e-books*.”

No que respeita ao apoio a “pequenas bibliotecas públicas”, um conceito que abrange todas as bibliotecas abertas ao público cuja gestão é feita por entidades que não câmaras municipais, os concursos começaram em 2008. O regulamento inicial apenas “permitia” que fossem apresentados a concurso projetos para reforço do fundo bibliográfico (livros, vídeos, etc.). “Entretanto, descobrimos que há muitas bibliotecas pequeninas por todo o país, sedeadas em juntas de freguesia, associações recreativas ou de bombeiros, por exemplo, que muitas vezes têm um fundo bibliográfico de qualidade, com muito interesse, mas que é desconhecido e está por tratar.” Estes fundos surgem em resultado de doações, ou fruto de outras circunstâncias. “Não sabemos porquê, só sabemos que isto acontece.” Foi assim alargado o âmbito do concurso para abranger também o tratamento bibliográfico, permitindo a contratação de alguém especializado. “É muito importante, dali poderá sair um núcleo para uma biblioteca que preste um serviço a uma comunidade, um fundo que estava por tratar, esquecido. E temos recebido agora muitas propostas com essa vertente, o que nos leva à conclusão de que era uma coisa que realmente estava a fazer falta.” ■



Prémio Vilalva 2011

para recuperação de prédio pombalino

O projeto de recuperação de um edifício pombalino na Baixa de Lisboa, da autoria do ateliê José Adrião Arquitetos, é o vencedor do Prémio Vasco Vilalva 2011 para a recuperação e valorização do património.

Este projeto reuniu a unanimidade do júri, que o considerou “um exemplo de boas práticas numa zona em que a reabilitação urbana é especialmente sensível”, destacando “o modo como conseguiu uma expressão atual, respeitando o património edificado, a sua natureza urbana e arquitetónica”. Composto pela historiadora Dalila Rodrigues, o professor do Instituto Superior Técnico António Lamas, o arquiteto José Pedro Martins Barata, o historiador de arte e olissipógrafo José Sarmiento de Matos e Rui Esgaio, secretário do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, o júri salientou ainda “a coerência entre o projeto de arquitetura e a decoração do edifício, em especial no aproveitamento ou reutilização de materiais e objetos”, bem como a “sintonia entre o arquiteto e o dono da obra”.

O edifício encontrava-se há muito em avançado estado de degradação e as inúmeras intervenções sofridas ao longo dos tempos tinham afetado gravemente a sua unidade funcional e estrutural, nomeadamente a estrutura de gaiola, pondo em causa a proteção antissísmica. A maior parte dos andares estavam devolutos e abandonados. O projeto levou três anos a concluir, e a obra, no valor de 950 mil euros, arrancou em 2010, só se tornando possível com a aprovação do plano de revitalização da Baixa, que passou a admitir intervenções mais amplas onde só eram permitidas simples obras de restauro.





UM INCENTIVO À RECUPERAÇÃO DA BAIXA

O projeto de recuperação propôs uma alteração tipológica do edifício, com o aumento do número de apartamentos de dez para catorze, levando à substituição integral de todas as infraestruturas, a par de uma cuidadosa reparação dos elementos estruturais em falta.

O edifício, com novas condições de habitabilidade, foi convertido em unidade residencial de curta duração, batizado de Baixa-House, podendo, de acordo com o projeto, converter-se, no futuro, numa unidade de habitação permanente. O proprietário do edifício, Jesus Moraimo, um arquiteto paisagista de Madrid apaixonado por Lisboa, resolveu investir numa cidade que considera ter muito património degradado e muito pouco investimento. Espera, por isso, que este prémio possa constituir um incentivo que leve as pessoas a recuperar o património antigo da cidade.

Entre as cerca de duas dezenas de projetos a concurso, esta obra foi a escolhida de um conjunto de três finalistas, que incluía a reabilitação e reutilização de um edifício situado na Rua de Trindade Coelho no Porto e a intervenção levada a cabo na Associação Comercial e Industrial de Guimarães (Casa dos Lobo Machado).

ANTERIORES PRÉMIOS

O Prémio Vilalva, no valor de 50 mil euros, foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva e distingue, anualmente, um projeto de intervenção exemplar no âmbito do património (bens móveis e imóveis de valor cultural).

Atribuído pela primeira vez em 2007, ao projeto de Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço, em Lisboa, esta é a sua quinta edição. Em 2008 foi distinguido o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja pelos projetos Monumentos Vivos e Festival Terras sem Sombra de Música Sacra do Baixo Alentejo. Em 2009, o galardão foi entregue de novo no Alentejo, à recuperação e valorização das ruínas romanas da cidade de Ammaia (Marvão) e, no ano passado, foi para a Irmandade do Santíssimo Sacramento pela ação desenvolvida na recuperação e valorização da Igreja do Sacramento, no Chiado, em Lisboa.



José Adrião, arquiteto responsável pelo ateliê vencedor do Prémio Vilalva 2011

O QUE REPRESENTA ESTE PRÉMIO PARA O SEU ATELIE?

A reabilitação de edifícios é um processo complexo que agrega em simultâneo muitas disciplinas. Todas as obras de arquitetura têm esta condição. As obras de reabilitação tornam-se especiais pelo facto de questões importantes – e por vezes surpreendentes – surgirem no momento em que a obra está a decorrer. Nestes casos, é muitas vezes necessário reavaliar as opções tomadas até ao momento e voltar a projetar, a medir, a contabilizar e a dialogar com todas as entidades envolvidas. Deste modo, as obras de reabilitação são um sistema aberto e necessitam de uma grande disponibilidade por parte de todos os intervenientes.

O facto de a Baixa-House ter sido considerada pelo júri do prémio Vasco Vilalva é, para a José Adrião Arquitectos e para toda a equipa, uma enorme motivação que confirma as opções e as metodologias utilizadas.

O QUE PROCUROU COM ESTA INTERVENÇÃO?

A intervenção teve como objetivo a adaptação e recuperação de um edifício pombalino para uma unidade de apartamentos em regime de aluguer, situado na Baixa de Lisboa. O edifício teve desde a sua construção, no fim do século XVIII, grandes alterações, que modificaram profundamente o carácter original da maioria das suas frações. Como estratégia de projeto e de modo a minimizar custos, decidiu-se aceitar a condição heterogénea do edifício existente. Definiu-se a intervenção como uma nova adição em continuidade

com a sua história, incorporando as alterações de diferentes tempos e pondo de parte uma possível operação de restauro. As principais ações determinadas pelo projeto foram: a alteração da tipologia de dois para três apartamentos por piso, a introdução de um elevador, a substituição de todas as infraestruturas e a conservação de uma parte substancial dos seus elementos construtivos. Mantiveram-se como exemplo, soalhos, tetos em saia e camisa, caixilhos em madeira, azulejos do exterior e interior e portas interiores. Os remates necessários e as adições foram assumidas como tal.

O QUE É PRECISO PARA QUE A REVITALIZAÇÃO DA BAIXA COMO ZONA RESIDENCIAL SE TORNE UMA REALIDADE?

De acordo com o Plano Diretor Municipal, os edifícios dentro do perímetro de proteção da Baixa Pombalina só podiam – até ao final da década passada – ser alvo de obras de restauro.

Durante o século XX, com a introdução das novas infraestruturas tais como eletricidade, gás, águas e instalações sanitárias, houve alterações radicais que puseram muitas vezes em causa a consolidação estrutural dos edifícios.

Com a alteração dos normativos, foi possível reequacionar o carácter das intervenções.

A reabilitação pode também significar manter o carácter original dos edifícios, transformando-os em unidades adaptadas ao habitar contemporâneo. Essa é a premissa fundamental para tornar o tecido urbano da Baixa Pombalina e a cidade de Lisboa num corpo sempre vivo, atual e em permanente transformação. ■



Ponta do Sol, Ilha de Santo Antão, Cabo Verde

A partir de 16 de abril, vai ser possível aceder ao HPIP (Heritage of Portuguese Influence / Património de Influência Portuguesa), um portal interativo bilingue – em português e inglês – que dá continuidade ao projeto editorial da Fundação Gulbenkian, Património de Origem Portuguesa no Mundo – Arquitetura e Urbanismo, apresentado entre 2010 e 2011, permitindo que este trabalho de inventariação se mantenha em permanente atualização.

O HPIP vai reunir de forma integrada a informação sobre o património de influência portuguesa no mundo, tendo em vista a sua divulgação maciça, sem deixar de procurar contribuições externas com novas entradas e informações. É deste modo que se pretende criar “uma comunidade herdeira desses bens partilhados em influências várias e cruzadas”, afirma Mafalda Soares da Cunha, coordenadora do portal HPIP, que esteve também na direção do projeto editorial com o historiador José Mattoso. “O conhecimento e a sua globalização são a base da identificação das comunidades com o seu património e, assim, o catalisador da sua salvaguarda e desenvolvimento integrado”, defende a professora universitária e antigo membro da Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos.

UM PORTAL COM A CONTRIBUIÇÃO DE TODOS

Todas as entradas dos volumes publicados sobre a América do Sul, a Ásia e Oceânia, e a África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico estarão disponíveis *online*, em versão portuguesa e inglesa. Mas não só. Também o glossário e as imagens serão incluídos em número superior ao dos volumes impressos, assim como os instrumentos de consulta coligidos no volume de índices. Será possível fazer “pesquisa

livre” (por palavras), mas também por categorias ou ainda sobre um mapa-múndi com imagem de satélite. A reunião de um acervo com estas características será relevante no apoio à comunidade científica, não apenas pela disponibilização de dados, mas pela forma cruzada e integrada como surge, graças à gestão proporcionada pelo sistema de informação geográfica (SIG), pela atualização e integração permanentes de nova informação e pela facilidade de acesso. Sendo o HPIP um projeto sem fins lucrativos, funcionará “com base na colaboração graciosa de todas as pessoas que enviarem textos novos ou propostas de correção e aditamento aos textos originais”, explica Mafalda Soares da Cunha. As pessoas podem submeter as suas propostas *online* e depois segue-se um circuito interno de verificação e validação da informação. Os novos dados são incorporados no texto original, que assim passará a ter uma autoria partilhada e devidamente identificada.

A gestão do HPIP será rotativa entre as universidades de Évora, Nova e Técnica de Lisboa, além de Coimbra, que será a primeira responsável. Um Conselho Executivo e um Conselho Editorial compõem os órgãos permanentes de gestão científica e executiva do portal. O Conselho Executivo integra vários especialistas de diversas instituições de ensino superior e de investigação, entre representantes das universidades parceiras, coordenadores dos volumes impressos e outros académicos cooptados pelo grupo de trabalho constituído para o acompanhamento da produção do portal. O Conselho Editorial, presidido por José Mattoso, recupera os colaboradores da obra impressa (cerca de 70 especialistas) que terão como função principal apoiar a certificação científica das novas contribuições para os textos de www.hpip.org ■

Aparições

de Gérard Castello-Lopes em Paris

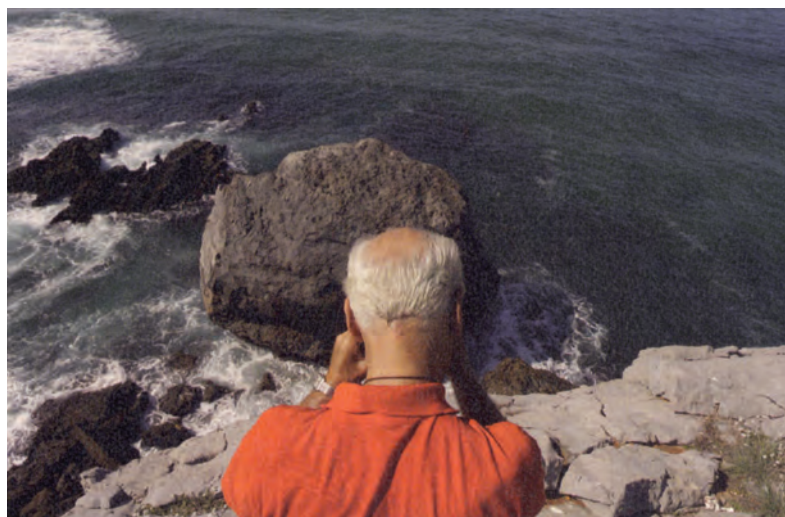
A maior retrospectiva alguma vez dedicada ao fotógrafo franco-português **Gérard Castello Lopes** (1925-2011) vai ser apresentada em Paris, na Delegação da Fundação Gulbenkian, a partir do dia 25 de Abril. Concebida e organizada por Jorge Calado, intitula-se *Aparições* e é composta por **153 fotos do artista**, algumas em provas de vários formatos, correspondendo a cinco décadas de atividade (1956-2006). Nascida de uma colaboração entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o BES Arte e Finança, esteve exposta em Lisboa no ano passado, alguns meses após a sua morte, viajando agora para a cidade onde o fotógrafo viveu os últimos anos da sua vida.

Uma série de retratos de Gérard Castello-Lopes por vários fotógrafos (Augusto Cabrita, Carlos Afonso Dias, José M. Rodrigues, entre outros) e um conjunto de objetos pessoais (câmaras fotográficas, livros, discos, agendas) completam a exposição.

Representante da geração de ouro da fotografia portuguesa, que emergiu nos anos 50, Gérard Castello-Lopes, ao contrário dos seus colegas, retomou a fotografia em 1982, e continuou a fotografar e a expor até 2008. Com uma vida dividida entre Portugal e França, marcou não só o cinema (como crítico, ator, assistente de realização e administrador da Filmes Castello Lopes), mas também a fotografia e o jazz (foi cofundador do Hot Clube de Portugal em 1948), em Portugal.



Gérard Castello-Lopes, Portugal, 1987



José M. Rodrigues, Outubro 2006

Jorge Calado é professor catedrático (aposentado) e investigador do Centro de Química Estrutural do Instituto Superior Técnico. Foi professor catedrático-adjunto de Engenharia Química da Universidade de Cornell (EUA). Crítico cultural do jornal *Expresso*, foi também o iniciador da Coleção Nacional de Fotografia em 1988. Já comissariou mais de 25 exposições de fotografia em Portugal, França, Bélgica, Inglaterra e EUA. ■

Governador do Banco de Portugal em conferência

Destaque este mês também para a conferência que o governador do Banco de Portugal vai realizar em Paris, no **dia 17**, na sede da Delegação da Fundação Gulbenkian. Carlos Costa dará continuidade à reflexão sobre grandes questões europeias, que a Delegação tem vindo a promover há vários meses. Este ciclo envolveu já nomes como Alain Minc, economista e consultor político, Hubert Vedrine, antigo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, o presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, e o antigo Presidente da República Mário Soares, entre outros. *L'Enjeu Européen: Stabilité, Solidarité, Prospérité* será o tema da conferência que se realiza às 18h, com entrada livre.



Jardim com novos acessos

Os jardins da Fundação Gulbenkian têm, desde março, novos caminhos mais acessíveis ao público e que permitem a circulação a pessoas com mobilidade reduzida e a carrinhos de bebé. O traçado, desenhado pelo arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, liga a entrada principal à saída da Rua Marquês de Sá da Bandeira, através de um percurso que se inicia na Sede e se estende até ao passadiço. O resultado é um caminho sinuoso, calcetado de inúmeros microcubos de granito, que convida ao passeio e à reflexão. A esta fase inicial do projeto seguir-se-ão outras com o objetivo de estabelecer um caminho de circulação que percorrerá toda a periferia dos jardins. ■



O nosso km²

Solidariedade ao pé da porta

E se um dia alguém demonstrar que no centro de Lisboa é possível voltar a ter relações solidárias e de vizinhança, em que todos os habitantes, oficiais e particulares, estão envolvidos? É nesse sentido que a Fundação Gulbenkian (numa iniciativa do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano) criou **O nosso km²**, um projeto experimental que quer combater o isolamento e o enfraquecimento das relações de vizinhança, criando condições para o regresso às comunidades em que todos se sentiam solidários. O projeto quer estimular o voluntariado e o trabalho em rede entre instituições e empresas, para melhorar a qualidade de vida da população residente, sobretudo a mais idosa.

O nosso km² começou em março, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, onde está instalada a Fundação Calouste Gulbenkian. Para conhecer melhor os idosos residentes na freguesia e ir ao encontro das suas necessidades, foram feitos inquéritos porta a porta por uma equipa de voluntários da Santa Casa da Misericórdia. Os dados recolhidos estão a ser tratados pela Universidade Católica de Lisboa. Paralelamente, a Universidade Nova de Lisboa tem no terreno uma equipa de estudantes voluntários a recolher informações junto do comércio local, que

tem muitas vezes uma relação próxima com esta faixa da população e pode alertar para situações de risco.

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa vai fazer um inquérito, inspirado no Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas, produzido pela Organização Mundial de Saúde, que permitirá identificar obstáculos que possam dificultar o quotidiano dos mais velhos, como o acesso a transportes ou a serviços comunitários. A informação recolhida servirá de base para o desenho das ações a desenvolver junto das pessoas.

O projeto tem parcerias com a Empresa Pública de Urbanismo de Lisboa (EPUL), que colocou à disposição uma equipa de técnicos especializados que poderão prestar apoio na recuperação de habitações com menos condições, e a Polícia de Segurança Pública da esquadra da Praça de Espanha, que tem também disponível uma equipa de policiamento de proximidade, tendo feito, inclusivamente, o acompanhamento dos inquéritos porta a porta. O nosso km² inspira-se no movimento britânico Big Society, que tem permitido que, um pouco por todo o Reino Unido, comunidades com baixos recursos financeiros se tornem mais fortes, autónomas e proativas. ■

A gripe em tempo (quase) real

Os dados da monitorização Grippenet da epidemia sazonal da gripe em Portugal estão agora *online* e podem ser consultados no *site* www.grippenet.pt, desenvolvido por investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência. No *site* podem ser visualizadas as curvas de incidência de síndrome gripal (ILI, na sigla inglesa), o cruzamento de síndrome gripal com as temperaturas ou a proporção dos participantes que “ficaram em casa” por causa de um episódio gripal. Estão ainda disponíveis os gráficos da distribuição da incidência por grupo etário, bem como por regiões (por grandes grupos de código postal), e a evolução de sintomas isolados – tosse, congestão nasal, febre, vômitos, etc –, o que permite ter a noção de outras sintomatologias além das específicas para a gripe (constipações, alergias, gastroenterites, etc). Assim, quer os voluntários Grippenet, quer jornalistas, técnicos ou o público em geral, passam a dispor de uma ferramenta em tempo quase real (os dados são atualizados

diariamente) para poder seguir a epidemia da gripe em Portugal. Esta área de resultados, desenvolvida no âmbito da rede europeia Influenzanet, da qual o Grippenet é fundador, contém ainda o histórico de monitorizações desde 2005, quer para Portugal, quer para os restantes países da rede que fazem monitorização da gripe através da Internet, diretamente junto dos seus cidadãos.

Vários artigos científicos sobre a epidemiologia da gripe foram produzidos com base na monitorização Grippenet, nomeadamente sobre fatores e grupos de risco ou a relação entre a epidemia sazonal e o clima (temperatura e humidade). Atualmente, o Grippenet conta com cerca de 1800 participantes. Os dados são confidenciais e anónimos. Todos os cidadãos podem participar neste estudo, registando-se em qualquer altura da monitorização ativa. Um maior número de participantes contribuirá para uma melhor qualidade da análise epidemiológica. ■

Médicas-cientistas premiadas

Sofia Braga (oncologista) e Sofia Duarte (neurologista), alunas do Programa de Formação Médica Avançada, coordenado pela Fundação Calouste Gulbenkian, viram o seu trabalho reconhecido por dois prémios de investigação.

No mundo ocidental, o cancro da mama é a principal causa de morte de mulheres entre os 20 e os 60 anos. Apesar dos progressos conseguidos por programas de rastreio e tratamentos mais eficazes, as recaídas e subseqüentes cancros metastáticos são, ainda hoje, grandes desafios médicos. Durante o seu doutoramento no grupo de Genómica Computacional do Instituto Gulbenkian de Ciência, Sofia Braga tentou encontrar respostas para o insucesso, em muitos casos, no prognóstico sobre uma eventual recaída da doença, procurando identificar novos marcadores. Recorrendo à Bioinformática e munida de informação sobre o prognóstico dado a 3500 mulheres diagnosticadas com cancro da mama, a equipa de Sofia Braga comparou os padrões de ativação de genes em doentes que sofreram recaídas e nas que não recaíram. Foram identificados 65 genes, entre os quais muitos regularmente utilizados na clínica, mas surgiram também novos candidatos a marcadores, nomeadamente três genes envolvidos na regulação da agregação de centríolos – pequenas estruturas celulares, essenciais para a organização do esqueleto da célula e para a correta divisão celular.

A **Bolsa Terry Fox**, atribuída pela Liga Portuguesa Contra o Cancro – Núcleo Regional Sul e pela Embaixada do Canadá, permitir-lhe-á estudar estes três genes mais a fundo, procurando encontrar um novo teste de prognóstico.

Sofia Braga foi uma das primeiras alunas do Programa de Formação Médica Avançada, em 2008. Está entre os atuais 39 médicos, internos de especialidade ou especialistas “motivados para atividades de investigação clínica ou de translação”, convictos que uma formação científica sólida é “o alicerce de uma investigação médica de excelência e de uma melhor prática clínica”.



Sofia Braga



Sofia Duarte

EMINENT SCIENTIST OF THE YEAR 2012

Sofia Duarte viu no Programa de Formação Médica Avançada uma forma de prosseguir os seus interesses pela investigação em Neuropediatria. Médica neurologista no Hospital D. Estefânia, já tinha realizado investigação em Portugal e também no Hospital San Joan de Déu, em Barcelona, antes de ser admitida ao Programa, em 2011. Sofia Duarte viu o seu trabalho reconhecido pela organização International Research Promotion Council (IRPC), através da nomeação como Cientista Eminente de 2012, em Neurologia Pediátrica. O estudo distinguido (em que participaram também investigadores e médicos do Instituto de Medicina Molecular, do Hospital de Santa Maria e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge), aborda o diagnóstico de um problema genético que confere suscetibilidade a complicações anestésicas potencialmente fatais.

Com esta nomeação, Sofia Duarte junta-se a uma reputada comunidade internacional de cientistas e clínicos, reconhecida pela sua contribuição para a resolução de problemas que afetam predominantemente os países menos desenvolvidos. Durante o seu trabalho de doutoramento, pretende voltar a estudar as epilepsias do primeiro ano de vida associadas a perturbações do desenvolvimento, nomeadamente a erros congénitos de metabolismo. Tem já resultados que apontam para uma possível correlação entre a presença destas perturbações e a ocorrência de epilepsia em recém-nascidos, o que traz implicações para o desenvolvimento de tratamentos mais eficazes, que conduzam a prognósticos mais favoráveis. ■

Think Tank Gulbenkian no 6º Fórum Mundial da Água

Durante uma semana, de 12 a 17 de março, 20 mil participantes de mais de 140 países marcaram presença no Fórum Mundial da Água, em Marselha. Entre as cerca de 600 sessões realizadas, contaram-se 21 consideradas de alto nível, incluindo um painel organizado pelo Think Tank Gulbenkian sobre a Água e o Futuro da Humanidade, moderado pelo seu coordenador, Luís Veiga da Cunha, e que contou com a participação de cinco dos onze membros do Think Tank.

Cada interveniente abordou uma área específica relacionada com o futuro da água. Assim, Jan Lundqvist, cientista sénior do Instituto Internacional da Água de Estocolmo, fez uma intervenção sobre as *Novas perspectivas para aumentar as disponibilidades de água e favorecer o seu uso eficiente*, enquanto o diretor do Instituto Internacional para a Análise de Sistemas Aplicados, Pavel Kabat, se centrou nas questões relacionadas com as *Alterações climáticas e a água*. No mesmo painel, Mohamed Ait, presidente do Conselho Geral para o Desenvolvimento da Agricultura de Marrocos, falou de *Água e alimentação para nove mil milhões de pessoas*, Daniel P. Loucks, professor da Universidade de Cornell, sobre a *Inter-relação entre água e energia* e William Cosgrove, autor da Visão Mundial da Água, sobre *Um futuro sustentável para a água*.

A sessão despertou grande interesse por parte da numerosa assistência e concluiu-se com um animado debate em que ressaltaram as preocupações sobre o que, dentro de apenas algumas décadas, poderá decorrer das crescentes pressões sobre a utilização da água, devidas a fatores como o crescimento demográfico, o aumento dos padrões de vida nos países emergentes, as alterações climáticas e o crescimento urbano.

O Fórum Mundial da Água é a maior reunião internacional sobre problemas da água e tem vindo a ser realizado trienalmente desde 1997, ano em que decorreu em Marraquexe. Seguiram-se os fóruns de Haia, Quioto, México, Istambul e Marselha.

Este último fórum centrou-se na procura de soluções para os crescentes desafios relacionados com a água que atualmente enfrentam, embora de formas diferentes, tanto os países em desenvolvimento como os países desenvolvidos. À medida que as mudanças globais se manifestam, a água tende a ocupar uma posição cada vez mais relevante, tanto a nível global, como nas nossas atividades individuais.



A falta de acesso à água e ao saneamento de boa qualidade tem múltiplos efeitos negativos nas pessoas, na economia e no ambiente. Do mesmo modo, as mudanças em curso tendem a aumentar os problemas relacionados com as alterações climáticas, as cheias ou as secas.

Por fim, o Fórum procurou contribuir para o trabalho a desenvolver no âmbito de outros eventos globais, como é o caso da conferência Rio +20 que terá lugar em junho.

A sessão organizada pelo Think Tank Gulbenkian foi considerada uma boa contribuição para os objetivos do Fórum, já que na sua missão se propõe aprofundar os conhecimentos sobre a importância crescente da água num mundo em mudança. Lançado no âmbito do Programa Gulbenkian Ambiente e constituído por onze figuras de renome internacional nos campos da ciência e da gestão da água, este grupo de reflexão pretende debreçar-se sobre o uso da água até 2050 e o problema da sua eventual escassez, que poderá criar sérias barreiras ao desenvolvimento. ■

Flautista portuguesa na Orquestra Nacional de França

Adriana Ferreira, bolseira da Fundação Gulbenkian no Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris, foi admitida na Orquestra Nacional de França, depois de ter concorrido a uma vaga para *2ème Flûte Solo jouant la 1ère Flûte Solo, Piccolo et Flûte en Sol*. Atualmente com 21 anos, foi a primeira flautista portuguesa admitida no Conservatório de Paris, onde estuda sob orientação de Sophie Cherrier e Vicent Lucas (flauta) e Pierre Dumail (flautim). Obteve vários prêmios em concursos nacionais e internacionais, entre os quais, em 2010, o 1.º Prémio do Concurso Internacional Carl Nielsen. ■

CISA recebe Prémio de Boas Práticas em Angola

O projeto CISA – Centro de Investigação em Saúde em Angola, foi distinguido com o Prémio de Reconhecimento de Boas Práticas em Angola, na categoria de Parcerias Internacionais. Situado numa área do continente africano onde não existe nenhum outro centro de investigação próximo com características semelhantes, o objetivo do CISA é criar naquele país as condições necessárias à estruturação de um centro de investigação que contribua para a melhoria das condições de saúde da população e para o fomento da cultura científica no país, com vista a aprofundar o conhecimento das doenças que afetam os países em vias de desenvolvimento. No futuro, o projeto CISA pretende tornar-se um centro de investigação de referência a nível internacional.

No desenvolvimento do CISA está envolvida uma equipa local, que em 2011 integrou mais de 50 colaboradores a tempo inteiro, de nível intermédio e superior. Entre as principais atividades já desenvolvidas pelo projeto, destaca-se a criação do Sistema de Vigilância Demográfica, que permite conhecer a dimensão da população e as suas características, envolvendo mais de 60 mil pessoas, em 69 bairros de três comunas do município do Dande. No âmbito do projeto CISA, foram ainda atribuídas várias bolsas para estágios de curta duração a finalistas de licenciatura (Engenharia Geográfica e Biologia) e licenciados (Medicina e Biologia). O projeto permitiu ainda catalisar, através de apoios complementares, bolsas de doutoramento para médicos angolanos.

Mais informações: www.cisacaxito.org. ■

Crítica internacional destaca DVD da Missa Solene de Beethoven

A *Missa Solemnis* de Beethoven, gravada ao vivo no Grande Auditório da Fundação em fevereiro de 2010, foi lançada em DVD com grande aplauso da crítica. Integrado na temporada da Gulbenkian Música, o concerto foi interpretado pela Orquestra de Câmara da Europa e pelo Coro Gulbenkian, dirigidos por John Nelson, tendo sido, na altura, transmitido em direto, pela medici.tv.

Segundo o crítico da *BBC Music Magazine*, trata-se de uma das mais impressionantes gravações desta obra que lhe foi dado ouvir, realçando a “magnífica orquestra” e a atuação do “coro desternido” que “não só ultrapassa as exigências, por vezes absurdas, da partitura, como até parece exultar com elas”. “Uma visão monumental” conclui o crítico, que dá nota máxima a todos os aspetos da gravação: performance, imagem, som e extras.

A revista *Opera News* também dedica uma crítica a esta produção, realçando a liderança poderosa de John Nelson. Quanto ao coro, diz ser apropriadamente intenso, cantando a plenos pulmões, nos grandes momentos, e diáfano nas passagens mais serenas, destacando os “ataques calmos e as texturas esculpidas de um modo preciso”. ■

Filantropia à escala global

No dia 12 de março, decorreu em Londres na Delegação da Fundação Gulbenkian, a reunião da equipa de gestão do projeto Global Philanthropy Leadership Initiative (GPLI), uma iniciativa destinada a criar novas formas de cooperação entre instituições filantrópicas num contexto global, agilizando a relação com os responsáveis pelas políticas públicas. A GPLI, copresidida por Emilio Rui Vilar (Fundação Gulbenkian) e William S. White (Charles Stewart Mott Foundation), é fruto da colaboração entre o Centro Europeu de Fundações, o Conselho de Fundações (EUA) e o WINGS, e integra mais de trinta entidades. Além de um ponto de situação sobre os diferentes projetos em curso, na reunião debateu-se o futuro da iniciativa, a comunicação dos seus objetivos e a apresentação dos resultados que terá lugar em Belfast, durante a Assembleia Geral Anual do Centro Europeu de Fundações, no mês de junho. Entre os projetos em curso incluem-se uma conferência sobre Cidades Sustentáveis a decorrer em Detroit, o desenvolvimento de uma iniciativa conjunta sobre o processo de transição para a democracia no Norte de África e Médio Oriente e um conjunto de trabalhos sobre a melhoria das condições de contexto para a filantropia transfronteiriça. ■

Fundação Gulbenkian apoia incubadora para o empreendedorismo

A Fundação Gulbenkian foi convidada pela EPUL para integrar uma parceria destinada a criar uma incubadora para o empreendedorismo. Através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, a Fundação junta-se a uma rede que inclui o ISCTE, que disponibilizará capital de risco para o apoio de projetos, e a AUDAX, que coordenará os mesmos. A incubadora funcionará num conjunto de escritórios integrados num empreendimento EPUL Jovem, situado na Praça de Entrecampos, em Lisboa. ■

Capacitar para a gestão de organizações sem fins lucrativos

As fundações Gulbenkian e Montepio juntaram-se para financiar uma formação dirigida a 140 quadros técnicos dirigentes, com o intuito de contribuir para uma gestão mais profissionalizada das organizações sem fins lucrativos. Gestão de tesouraria, sustentabilidade financeira, gestão de voluntariado, marketing ou angariação de fundos são alguns dos módulos que compõem a formação. Além da componente letiva, será também disponibilizada consultoria, por parte da Tese – Associação para o Desenvolvimento, para apoio à implementação de um plano estratégico e acompanhamento dos processos de mudança internos das organizações abrangidas. A iniciativa conta ainda com o apoio da Accenture, Impulso Positivo, Fundação Porto Social, União das IPSS e Católica Business School. ■

Proteger os lugares sagrados do Mediterrâneo

No início de março, decorreu em Bruxelas um seminário sobre a proteção dos lugares sagrados do Mediterrâneo, na perspetiva de contribuir para o diálogo intercultural. O encontro contou com a participação da administradora da Fundação Gulbenkian Isabel Mota, a convite da Comissão Europeia e da Ordem Soberana de Malta.

A administradora evocou as origens e a vida do fundador, Calouste Sarkis Gulbenkian, e a forma como se refletem na missão da Fundação por ele legada. Como estratégia de defesa para os lugares sagrados – postos em perigo pelas guerras –, Isabel Mota realçou a importância de serem considerados “pertença da humanidade” e apelou ao “exercício coletivo do conhecimento do Outro que, de modo muito simples, se pode traduzir por práticas de interculturalidade”.

“No nosso presente e nos tempos que se aproximam, vivemos e vivemos em permanente interdependência. Ou construiremos juntos um destino partilhado, ou não teremos futuro”, defendeu a administradora, que terminou a sua intervenção com uma nota sobre a herança que cada povo mediterrânico traz consigo e a responsabilidade na preservação dos lugares sagrados, que é de toda a humanidade – crentes e não crentes. ■



*Rui Borges Maia | 28 anos | Área: Música/Flauta**

A importância de ter sido aluno de Jacques Zoon

QUANDO DESPERTOU PARA A MÚSICA?

O meu interesse pela música manifestou-se bastante cedo. Uma das memórias mais antigas que guardo é ouvir atentamente o meu pai a tocar fliscorne. O meu irmão estudava percussão e fascinava-me vê-los tocar por aqueles papéis cheios de pintas negras! O meu pai ensinou-me a ler as ditas “pintas” e um dia, quando tinha nove anos, trouxe-me uma flauta para casa. A partir desse momento, sinto que a evolução foi muito natural – a música é o meu grande interesse e a flauta o meio ideal para o exprimir. Nessa evolução foi muito importante o meu percurso escolar e os professores que tive na minha formação em Portugal, Olavo Barros e Nuno Inácio, a quem estou muito grato.

PORQUE RESOLVEU FREQUENTAR A ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA RAINHA SOFIA?

Conheci esta escola enquanto aluno do Instituto de Música de Câmara de Madrid, onde concluí uma pós-graduação em

música de câmara, com um quinteto de sopros de que fui cofundador, o Quinteto À-vent-garde. A Escola não tinha classe da flauta, mas, em 2006, convidou o flautista holandês Jacques Zoon para dar aulas de música de câmara durante três semanas. Frequentei essas aulas e fiquei impressionado com a sua genialidade. Em 2008, a Escola mudou-se para o centro de Madrid e abriu a classe de flauta. Estava, na altura, a concluir uma pós-graduação na escola Escola Superior de Música da Catalunha, em Barcelona, na classe da professora Júlia Gállego, e, quando soube que Jacques Zoon seria o professor titular de flauta em Madrid, senti que era uma oportunidade única que não poderia desperdiçar.

Nessa opção, o apoio da Fundação Gulbenkian foi fundamental. O acesso a instituições de ensino com esta qualidade fora do nosso país não depende apenas do mérito artístico e do empenho que colocamos na prova de admissão, pois existem obrigações (propinas, gastos de residência,

etc.) muito difíceis de suportar. Não o teria conseguido sem o apoio da Fundação. Da minha parte, procurei retribuir com trabalho e dedicação e o reconhecimento público que obtive da escola – nos dois primeiros anos, fui distinguido com o prémio de melhor aluno da classe de flauta, entregue por Sua Majestade a Rainha de Espanha, e, no ano passado, tive o privilégio de tocar a solo com a orquestra da escola, sob a direção de Jaime Martín.

AGORA QUE ESTÁ A TERMINAR O CURSO O QUE DIRIA A UM CANDIDATO?

Diria, em primeiro lugar, que o dia a dia na escola é muito intenso. Agora passaram quatro anos e já tenho grande parte das disciplinas terminadas, mas cheguei a ter muitas semanas com aulas de segunda a domingo. A componente artística é essencial já que a escola oferece uma enorme experiência de palco – nestes quatro anos, foram cerca de 100 concertos repartidos entre recitais, música de câmara ou orquestra.

Tem sido absolutamente fantástica a possibilidade de aprender com grande parte dos professores que ali trabalham (Michel Arrignon, Klaus Thunemann, Radovan Vlatkovic, Ralph Gothoni, Tom Krause, ou ainda *masterclasses* marcantes de Maurice Bourgue, Sergio Azzolini ou William Bennett) e, ao mesmo tempo, perceber quão humanas e acessíveis são estas personalidades.

Mas, sem qualquer hesitação, ser aluno de Jacques Zoon foi o mais importante na minha formação como músico. Sinto que poderia continuar a ser seu aluno por muitos anos, pois aquele conhecimento parece não ter fim e a sua exigência não para de aumentar.

E QUE PROJETOS O VÃO OCUPAR PROXIMAMENTE?

Fui convidado por Jacques Zoon para ser seu assistente na investigação de novas patentes relacionadas com a construção e desenvolvimento da flauta, um trabalho que será feito, ao que tudo indica, com o apoio do Conservatório Superior de Música de Genebra.

Tentarei dar seguimento ao trabalho desenvolvido com a clarinetista Ana Maria Santos, também bolseira da Fundação nesta escola, com concertos que exploram diversas formações de câmara que usam os nossos instrumentos. Por exemplo, no próximo dia 12 de maio, temos um concerto em direto para a Radio Clássica de Espanha com o pianista Cameron Roberts. Um dos nossos grandes objetivos passa por abordar o repertório para o Pierrot Ensemble, onde os Eighth Blackbird são a nossa principal referência.

O Quinteto À-vent-garde, a que já atrás me referi, celebra este ano o seu décimo aniversário. Pretendemos lançar um conjunto de iniciativas que contribuam para a sua maior afirmação, incentivando a criação de novas obras para a nossa formação, especialmente de compositores portugueses. Tencionamos também lançar um CD de música portuguesa,

um concurso de composição, uma competição internacional para quintetos de sopros (inserida numa semana inteiramente dedicada à música para sopros), em que um dos principais objetivos será dar a conhecer o repertório nacional a quintetos de outros países, e, por fim, um desafio à criação de curtas-metragens de animação para uma obra bem conhecida que pretendemos lançar em DVD.

Mais recentemente, tive o privilégio de iniciar um novo projeto com Pedro Jóia, Ricardo Ribeiro, Yuri Daniel e Vicky Marques. Este quinteto extremamente dinâmico atravessa os universos musicais do Mediterrâneo e a riqueza que os mesmos transportam. O fado, o flamenco, a música do Magrebe e mesmo o tango porteño são tratados com toda a paixão que emana da sua matriz comum.



Escola Superior de Música Rainha Sofia

COMO É VIVER EM MADRID?

Viver em Madrid é muito interessante. Existe uma energia muito forte na cidade, uma energia proveniente das pessoas, que faz com que as ruas nunca percam a sua vida própria... A nível cultural, é fantástico viver num lugar onde damos dois concertos em dias consecutivos com uma orquestra de estudantes numa sala com 2000 lugares e nos deparamos com lotação esgotada em ambas as atuações. ■

**Bolseiro da Fundação Gulbenkian na Escola Superior de Música Rainha Sofia, Madrid*



“As Boas Ações estão sempre em alta”

Por Luís Laginha de Sousa | Presidente da NYSE Euronext Lisbon

Tenho consciência de que os termos “Bolsa” e “mercados” têm hoje uma carga negativa para muitos cidadãos e, possivelmente, para muitos dos que vão ler este pequeno texto. Fruto da crise financeira e económica, as Bolsas são frequentemente diabolizadas, embora a maior parte dos problemas que têm surgido, neste tão conturbado período, tenham tido origem em atividades que, de facto, não passam pelas Bolsas. É importante salientar que as Bolsas refletem a evolução da atividade económica, mas não estiveram na origem dos empréstimos *subprime* ou dos problemas relacionados com as dívidas soberanas.

Neste contexto, é com particular satisfação que escrevo sobre este projeto da Bolsa de Valores Sociais (BVS), pois ele é bem ilustrativo de como muitos dos princípios que estão subjacentes às Bolsas financeiras podem produzir bons resultados, se associados também a iniciativas sociais. A escolha dos projetos listados na Bolsa de Valores Sociais resulta de uma rigorosa e transparente aplicação de critérios de seleção, e os fundos angariados através desta plataforma são acompanhados por uma equipa de monitorização e avaliação, com o propósito de garantir que eles serão criteriosamente aplicados no cumprimento dos objetivos definidos. Estes objetivos não são financeiros, como nas Bolsas de títulos, mas sim sociais, e o “lucro” não se mede necessariamente em euros, mas noutros indicadores igualmente definidos de forma clara e objetiva. Adicionalmente, toda a atividade, quer dos projetos, quer da Bolsa de Valores Sociais, está sujeita a relatórios regulares de divulgação pública.

Em momentos históricos como o que atualmente vivemos, em que a gestão de recursos em geral está sob escrutínio apertado, a utilização de um mecanismo de controlo e avaliação para fundos doados, nos moldes que a BVS oferece, pode fazer sentido para um número crescente de pessoas e, sobretudo, também de empresas. A Bolsa de Valores Sociais oferece uma plataforma eficiente para que as empresas possam aplicar os recursos que destinam à responsabilidade social, associando-lhes objetivos claros, formas de monitorização e resultados passíveis de avaliação objetiva.

A Bolsa de Valores Sociais, iniciativa conjunta da NYSE Euronext Lisbon, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação EDP, com um importante apoio de Caixa Geral de Depósitos, tem pouco mais de dois anos de atividade, ao longo dos quais importantes passos marcaram a sua ainda tão jovem existência. O reconhecimento da BVS como projeto inovador de referência na Europa, num recente Relatório da Comissão Europeia sobre Empreendedorismo Social, é apenas um exemplo desses marcos, que nos animam para o caminho a prosseguir, pese embora o contexto particularmente difícil que atravessamos. A BVS portuguesa também chamou a atenção da Irlanda, desde que este documento da Comissão Europeia foi publicado: numa recente iniciativa conjunta do Governo, do setor empresarial e da sociedade civil, Dublin vai sediar um evento denominado ChangeNation, para o qual foram convidados 50 inovadores sociais de todo o mundo (nos quais se inclui a BVS), com o objetivo de conhecer de perto essas inovações e os seus criadores, de modo a avaliar como podem vir a ser eventualmente implementadas na Irlanda.

Termino este pequeno texto com um apelo aos leitores, em particular aos que ainda não conhecem esta iniciativa, a que visitem o *site* da BVS – www.bvs.org.pt –, lembrando o lema inicial da Bolsa de Valores Sociais: “As boas ações estão sempre em alta.” ■



em abril

Por uma alimentação mais sustentável

Tim Lang (na foto), professor de Política Alimentar na City University de Londres, é o próximo orador convidado do ciclo de conferências O Futuro da Alimentação: Ambiente, Saúde e Economia. No **dia 11**, estará na Fundação Gulbenkian para falar da dificuldade em conjugar a saúde dos seres humanos com a do ambiente, a partir da alimentação.

“Temos de transformar todas as orientações dietéticas assentes na nutrição em orientações dietéticas baseadas na alimentação sustentável”, defende Tim Lang, que lamenta a ilusão em que vivem os consumidores, mormente os do mundo ocidental, no que respeita às suas opções dietéticas. “Poderá o mundo produzir alimentos a uma escala pantagruélica, para se comer como nos EUA (como se houvesse cinco planetas) ou na Europa (onde bastam três)?”, argumenta, indo mais longe: “Mas alguém se lembrou de avisar os consumidores de que a escolha ilimitada do século XX terminou?”

O debate está lançado. Resumindo, no Ocidente temos de comer menos e melhor, com base numa dieta diferente, enquanto os consumidores do mundo em desenvolvimento têm de comer mais – os muito pobres – e melhor – os pobres que vivem em centros urbanos e que estão a entrar na “transição nutricional”.

Tim Lang pega no exemplo paradigmático do peixe para demonstrar o género de problemas com que nos deparamos. “Os nutricionistas dizem que devemos comer peixe. Por outro lado, os ambientalistas dizem que não, a não ser que seja peixe de reservas sustentáveis. Mas como é que sete mil milhões de pessoas podem ter acesso a esse peixe?” A acrescentar a este dilema temos ainda a indústria alimentar que reage de forma hostil a orientações de dieta sustentável. “Tudo isso é normal! Temos de fazer pressão para que sejam discutidas estas questões”, que, de resto, fazem parte de um todo complexo.

Por onde começar então? “Temos de criar estruturas organizacionais que possibilitem ações coordenadas, estruturas que atualmente não existem na Europa e não podemos contar com a PAC [Política Agrícola Comum]”, diz o professor de Política Alimentar, que na sua palestra do dia 11 apresentará o que tem sido pensado nesta área tão abrangente em termos



de políticas, perguntando o que podem fazer a sociedade civil, os governos, o comércio e os setores profissionais.

Nesta conferência, será apresentado também o caso português na intervenção de Pedro Graça, da Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação do Porto e coordenador da Plataforma contra a obesidade. ■

Programa

11 DE ABRIL, 17H30

Auditório 2

**É POSSÍVEL UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL
E SIMULTANEAMENTE SUSTENTÁVEL?**

Tim Lang, City University, Londres

O CASO PORTUGUÊS

Pedro Graça

Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação,
Universidade do Porto, Direção-Geral da Saúde

Presidente da sessão:

Henrique de Barros

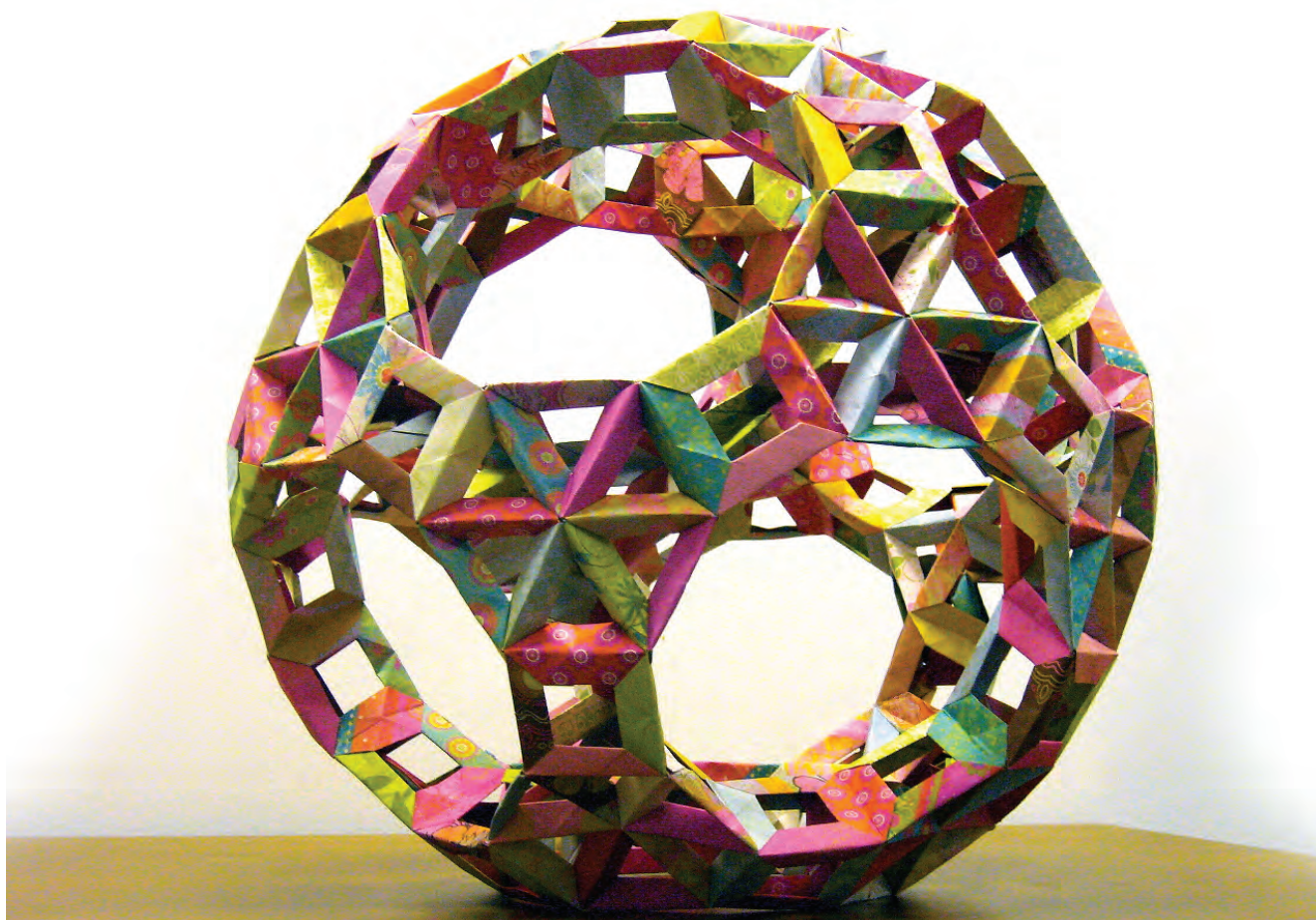
Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

Moderadora:

Bárbara Reis, diretora do jornal Público

Workshop

No dia 11, antecedendo a conferência de Tim Lang, realiza-se às 15h um seminário dirigido aos diretores clínicos e executivos dos centros de saúde sobre o tema “Alimentação em tempo de crise”. A coordenação deste *workshop* é da responsabilidade de Isabel do Carmo (Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa), em colaboração com a Associação Portuguesa dos Nutricionistas e com a Deco, numa parceria institucional da Direção-Geral da Saúde e da Ordem dos Médicos.



A matemática nas dobras de papel

Geometria com dobras de papel: como o origami bate Euclides é o sugestivo título da conferência marcada para **dia 18, às 18h**, no Auditório 2, integrada no ciclo de conferências Matemática: a Ciência da Natureza. Ana Rita Pires, da nova-iorquina Universidade de Cornell, vai mostrar como as construções geométricas que os matemáticos demonstraram serem impossíveis de obter com régua e compasso são possíveis de fazer com origami. A conferencista responderá às perguntas: E se em vez da régua e compasso de Euclides usarmos a arte japonesa de dobrar papel, o origami? Conseguiremos, para além de construir bonitos animais em papel, resolver estes problemas da Antiguidade Clássica?

A antiga bolsreira do Programa Novos Talentos em Matemática, doutorada em Matemática pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology), promete demonstrar que duas das três construções impossíveis de traçar – a duplicação do

cubo, a trissecção do ângulo e a quadratura do círculo – são “possíveis de obter através de dobras numa folha de papel”. Para se saber quais, só assistindo à conferência no **dia 18** onde, adianta, “se tudo correr bem, serão ambas apresentadas usando uma grande folha de papel!” Ana Rita Pires falará também sobre a história (e lenda) destas construções geométricas e sobre a matemática por trás delas.

Atualmente, na Cornell University, o trabalho de Ana Rita Pires divide-se entre a investigação e o ensino, que descreve como “uma constante sucessão de desafios e aprendizagens”. Este semestre está a lecionar Matemática e Política, “uma cadeira com conteúdo matemático, mas com motivações e exemplos retirados da ciência política, abordando temas como teoria das votações e teoria de jogos” que, confessa, é um tema sobre o qual pouco sabia, interessante e sobre o qual está a “aprender quase ao mesmo tempo” que os seus alunos. ■



Maria Helena Vieira da Silva, *La bibliothèque en feu*, 1974, óleo s/tela

Uma biblioteca em chamas no Grande Auditório

19 e 20 de Abril

O compositor português Pedro Amaral inspirou-se no universo pictórico de Maria Helena Vieira da Silva para compor a sua mais recente obra, *Transmutations pour orchestre* (n.º 5.3), que será apresentada em estreia mundial no dia **19 de abril, às 21h**, na Fundação Gulbenkian.

Dois anos depois da primeira apresentação da ópera *O Sonho*, encomendada pela Fundação, Pedro Amaral volta agora ao palco do Grande Auditório para estreiar um novo trabalho em diálogo com o quadro *La bibliothèque en feu*, uma das obras-primas de Vieira da Silva pertencente à coleção do CAM. *Transmutations* será tocada pela

Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo jovem maestro francês Lionel Bringuier, num programa que inclui duas obras fundamentais do repertório clássico: a Sinfonia n.º 1 de Brahms e o *Prélude à l'après-midi d'un faune* de Claude Debussy.

O concerto repete-se no dia seguinte, **20 de abril, às 19h**. Neste dia, no intervalo, o diretor do Serviço de Música, Risto Nieminen, conduzirá uma conversa breve e informal com Pedro Amaral. *La bibliothèque en feu* ficará exposta, ao longo de uma semana, na zona de acesso público junto aos auditórios.

Antes da estreia, **Pedro Amaral** fala sobre a génese desta peça, sobre as várias metamorfoses que sofreu ao longo do tempo, de modo a preparar a atenção dos ouvintes, entre outras coisas, para momentos que evocam processos orquestrais de Wagner ou Bruckner e para a verdadeira lição de composição que *La bibliothèque en feu* representa, assente num equilíbrio, tal como em *Transmutations*, entre a permanência do gesto e sua renovação.

COMO NASCEU ESTA PEÇA?

É uma peça com um percurso longo e que atravessou uma parte da minha existência. Quando estudava na Escola Superior de Música de Lisboa, no começo da década de noventa, compus uma peça para três pianos intitulada *Música para Três Momentos do Espaço* – um vasto manuscrito que nunca chegou a ser estreado. Escrevi e rescreei a peça várias vezes sem nunca ficar inteiramente satisfeito com a realização. Anos mais tarde, no IRCAM, ao compor *Transmutations*, para piano e eletrónica em tempo real, utilizei alguns fragmentos dessa matéria inicial, trabalhando-os de um modo inteiramente novo e integrando-os numa estrutura global completamente reinventada. Em 2005, recebi da cidade de Matosinhos a encomenda de uma peça orquestral e regressei ao mesmo caudal que agora, na espessura do texto, acumulava uma série de versões e desenvolvimentos possíveis de uma matéria comum. Ao longo de dois anos, entrecortados por outros compromissos, fui esboçando um manuscrito onde, por vezes, deixei emergir o gesto inicial por entre novos desenvolvimentos da matéria e uma permanente proliferação das figuras. Este manuscrito um tanto hermético, quase ilegível, ficou por concluir até há alguns meses quando Risto Nieminen me propôs estrear a obra na Gulbenkian Música.

FOI DIFÍCIL CONCLUIR UMA OBRA INICIADA HÁ TANTO TEMPO ATRÁS?

Acabou por ser muito mais que uma simples conclusão. Quando peguei no manuscrito, a minha ideia era limpá-lo, ordená-lo, copiá-lo devidamente e concluí-lo. Mas tinham, de facto, passado vários anos e, entretanto, aconteceu algo na minha vida que me obrigou a alterar completamente o projeto: em 2008 fui convidado a reestruturar a disciplina de Orquestração e lecioná-la na Universidade de Évora. A orquestração é a arte de escrever para orquestra e é uma disciplina central na formação de um compositor. Para lecionar esta disciplina, que atravessa os três anos de uma licenciatura, tive de mergulhar no grande repertório orquestral, do classicismo vienense aos nossos dias, e procurar desmontar a linguagem, o estilo e os mecanismos próprios da escrita orquestral em cada época e em cada compositor. Esta experiência foi – é – determinante na minha forma de trabalhar. Para além de todas as subtilidades de coloração, apoiadas na eficácia do gesto e na funcionalidade

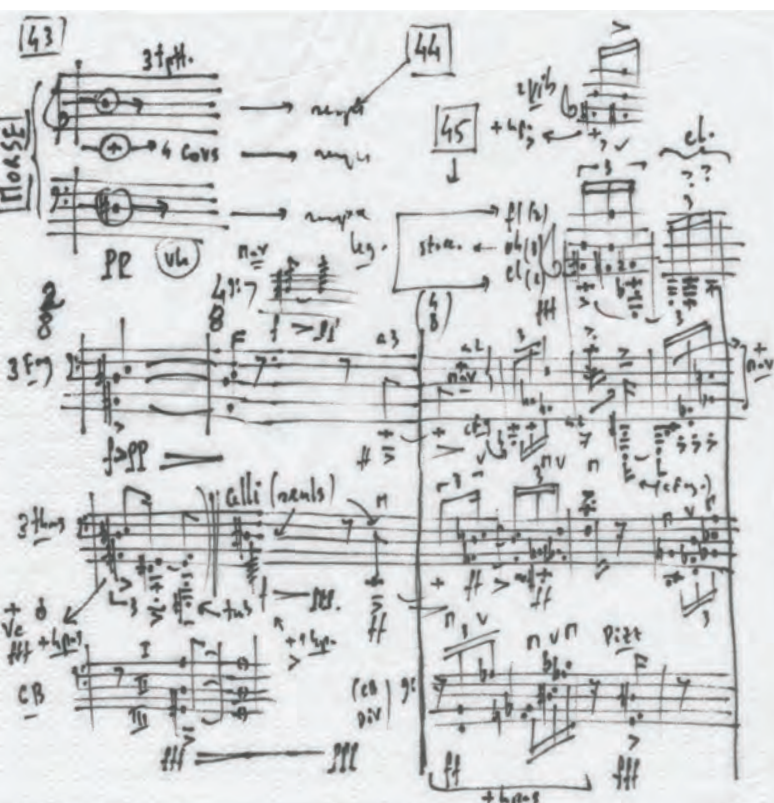


Pedro Amaral

instrumental, ganhei uma consciência clara da própria história da orquestração. Este conhecimento e esta prática pedagógica fizeram-me alterar uma grande parte do meu manuscrito, rescrever muitas passagens e até criar pontes inesperadas com certas obras-chave do pensamento orquestral.

PODE DAR UM EXEMPLO?

Na transição para a última parte da peça, por exemplo, há um momento de homenagem a Bruckner que reproduz quase literalmente a orquestração do início da sua Sétima Sinfonia. As notas, os ritmos, são completamente diferentes, mas do ponto de vista orquestral a configuração é exatamente a mesma. Noutro ponto, na segunda secção da peça, há uma série de compassos que prestam uma homenagem direta a um determinado mecanismo orquestral que tem origem em Wagner e que atravessa as sinfonias de Bruckner e várias páginas de Richard Strauss. Ali, numa série de compassos, está plasmada a minha homenagem a esta genealogia.



Não há uma única citação, mas há uma evocação simbólica de um mecanismo de escrita. Toda esta cultura que eu não possuía – conhecia as obras, mas não estava atento a esta dimensão em particular – transformou completamente a minha forma de compor para orquestra. Rescrevi, pois, uma grande parte do manuscrito inicial, aperfeiçoei e expandi muitas secções com um propósito de pesquisa puramente orquestral. A peça, no seu estado atual, provavelmente definitivo, é uma exponenciação que eu não tinha previsto no manuscrito de 2007.

O SUBTÍTULO DA PEÇA, *LA BIBLIOTHÈQUE EN FEU*, EVOCA UMA TELA DE VIEIRA DA SILVA. PORQUÊ?

É uma obra que sempre me impressionou pela concentração das formas e da paleta cromática, pela redução notável do vocabulário, pelo admirável aprofundar do gesto numa série de variações consequentes. A figuração dos livros, das divisões da estante e do próprio rebordo da tela obedecem a um mesmo princípio de dedução formal (Paul Klee não está longe); de fora para dentro, somos conduzidos através das várias etapas dessa dedução, assistindo a uma complexificação permanente das linhas e das cores nas suas relações recíprocas. Partindo das formas mais simples, chegamos a desenvolvimentos de extraordinária riqueza, num equilíbrio notável entre a permanência do gesto e sua renovação. É uma lição de composição – uma lição à qual a minha peça faz referência, por analogia, em várias das suas partes e em muitas das suas dimensões.



Lionel Bringuier

COMO É OUVIR A SUA OBRA DIRIGIDA POR OUTRO MAESTRO?

É ao mesmo tempo uma descoberta e um sofrimento. Um sofrimento porque, quando um maestro prepara a estreia de uma obra, está, também ele, *à procura* – e para um compositor esse tatear pode ser exasperante. Por outro lado, um maestro, com a sua personalidade própria, pode fazer emergir dimensões insuspeitadas ou secundárias na visão inicial do compositor. Quando dirijo a minha música, procuro reproduzir exatamente a imagem interior que tenho de cada partitura; mas ao ouvir a minha música tocada ou dirigida por outros intérpretes, apercebo-me das outras visões possíveis da obra. É verdadeiramente aí – e só aí – que nos damos conta da subjetividade do que escrevemos. ■

Músicas do Mundo

Da música persa ao fado

O ciclo Músicas do Mundo oferece, este mês, dois concertos singulares: um espetáculo inspirado em odes persas, com intérpretes do Irão e da Tunísia, e uma voz portuguesa, de raízes alentejanas, que cruza o fado, a bossa nova e o jazz. O primeiro concerto, *Ivresses* (dia 9, 21h), junta o iraniano **Alireza Ghorbani** e a tunisina **Dorsaf Hamdani**, para uma viagem delirante dos sentidos pelo Oriente, enquanto o segundo (dia 24, 21h) vai marcar o lançamento do quinto álbum de **António Zambujo**, um nome já consagrado no circuito internacional da *world music*.

Ivresses é um concerto que parte da poesia do persa **Omar Khayyam**, ilustre poeta e filósofo do século XII, autor de poemas sobre as virtudes do vinho, autênticas odes à tolerância e ao hedonismo, publicados depois da sua morte. Fernando Pessoa traduziu alguns poemas de Khayyam, alguns dos quais foram publicados na revista *Contemporânea* (jul-out) de 1926. Um exemplo: “Ao gozo segue a dor, e o gozo a esta. Ora o vinho bebemos porque é festa, Ora o vinho bebemos porque há dor. Mas de um e de outro vinho nada resta” (Omar Khayyam/Rubaiyat). Para pôr os poemas em música o compositor Ali Ghamsary baseou-se nas matrizes comuns da música árabe e persa. Estas composições serão cantadas por Dorsaf Hamdani, uma cantora que revisita regularmente o repertório persa, sempre nas fronteiras do êxtase, e Alireza Ghorbani, um cantor especialista na ornamentação do Médio Oriente, e ainda no repertório árabe e andaluz do Magrebe. A primeira atuação desta dupla deu-se no Festival d’Ile-de-France, em 2010.

Já **António Zambujo** apresenta-se no Grande Auditório com a sua guitarra clássica para um espetáculo de lançamento do seu novo álbum, *Quinto*, acompanhado de Bernardo Couto (guitarra portuguesa), José Conde (clarinete), Jon Luz (cavaquinho) e Ricardo Cruz (contrabaixo e direção musical).

Sobre este trabalho, que sucede a *Guia*, escreveu José Eduardo Agualusa, confesso admirador do artista: “O que mais me impressiona é a frescura (a alegria) com que, ao quinto álbum, António Zambujo continua a cantar. Está tudo dito no tema ‘Algo Estranho Acontece’, a permanente inauguração de um universo que, não obstante a repetição, porque o tempo é circular, constantemente se renova. ‘Eu vivia tudo novamente’, canta Zambujo – e é isso que queremos, enquanto o escutamos. Viver tudo, novamente, e, de cada vez, viver tudo como se estivéssemos a estreir a vida.” ■



Dorsaf Hamdani e Alireza Ghorbani



António Zambujo



Bayreuth Festspielhaus

Curso teórico

Richard Wagner

Da narrativa mítica à recriação musical

Num mês em que a música de Richard Wagner se pode ouvir no palco do Grande Auditório – a Orquestra Juvenil Gustav Mahler apresenta, com a soprano sueca Iréne Theorin, excertos das óperas *Tristão e Isolda* e *O Crepúsculo dos Deuses* nos dias 15 e 16 –, realiza-se um curso em torno do compositor, orientado por Yvette Centeno e Nuno Vieira de Almeida. **Da narrativa mítica à recriação musical** é o título geral do curso, que vai ajudar a compreender de que modo a obra de Wagner continua hoje a ser tão desafiante para os estudiosos do imaginário mítico, literário e musical. Composto por quatro sessões, não se dirige apenas aos melómanos, mas a todos os que, através da criação artística, procuram reler um pensamento que não perdeu a sua atualidade.

Recorrendo a exemplos de *O Anel do Nibelungo*, na produção encenada por Patrice Chéreau e dirigida por Pierre Boulez (Bayreuth, 1976), os orientadores vão aprofundar o sentido profundo, intencional e permanente nos libretos que Wagner escreveu. Não foi por acaso que o compositor afirmou que a escrita poética que estrutura as suas óperas é tão ou mais valiosa do que a própria composição. Concordemos ou não com esta apreciação, é também por aí que o desafio começa. ■

Conceção e orientação

Yvette K. Centeno, Nuno Vieira de Almeida

10, 11, 17 e 18 DE ABRIL, DAS 18H30 ÀS 20H30

Sala 2 da Sede da FCG



Último mês para visitar **Fernando Pessoa: Plural como o Universo**

A mostra dedicada a Fernando Pessoa que a Fundação apresenta desde 9 de fevereiro, recebeu até ao final do mês passado mais de **30 000 visitantes**. A exposição, imaginada por Carlos Filipe Moisés e Richard Zenith, pretende introduzir os visitantes no génio pessoano, nas múltiplas personagens que produziu, capazes de expressar a inesgotável pluralidade do Universo. Essa dinâmica e riqueza multifacetadas são procuradas nesta exposição nos múltiplos percursos que propõe e através dos filmes, vozes e sons, poemas ditos e páginas de livros que mudam ao toque do visitante fazendo uso das tecnologias atuais. Alguns objetos míticos ligados ao poeta estão em exposição, como a famosa arca que acolhia os seus poemas e textos.

Como atividade paralela à exposição, a escadaria junto à entrada de galeria tem sido o palco informal de algumas leituras encenadas, a partir de vários percursos temáticos sugeridos por especialistas e admiradores da obra de Pessoa. Este mês, no dia **22 de abril às 14h30**, tem lugar a última sessão proposta pelo escritor Gonçalo M Tavares, sobre o tema Pessoa “em pessoa”: família, relações amorosas, sexualidade, morte, ironia, desespero e ainda para a experiência de Orfeu – amizades e cumplicidades. O ator **Vitor Roriz** dá voz aos textos com a colaboração do encenador Marco Martins. Estas iniciativas têm **entrada livre**.

Fernando Pessoa: Plural como o Universo nasceu de uma colaboração entre a Fundação Roberto Marinho (Brasil) e o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, com o apoio da Fundação Gulbenkian. Foi apresentada pela primeira vez em São Paulo, em 2010, seguindo para o Rio de Janeiro, em 2011.

Pode ser vista **até 29 de abril** na Fundação Gulbenkian. ■

Continuam

ATÉ 7 ABRIL

L'HÔTEL GULBENKIAN 51 AVENUE D'ÎLENA.

MEMÓRIA DO SÍTIO

Galeria de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian

ATÉ 6 MAIO

FRUTOS ESTRANHOS

DE ROSÂNGELA RENNÓ
CAM

ATÉ 13 MAIO

QUATRO ESTAÇÕES

DE BEATRIZ MILHAZES
CAM

Pessoas Sem Idade

No Ano Europeu dedicado ao Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações, o livro *Entre Gerações*, escrito por Laurinda Alves com fotografia de Isabel Pinto, mostra uma série de projetos que resultaram do concurso de ideias com o mesmo nome, que em 2010 foi lançado simultaneamente em Portugal, através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, e no Reino Unido, pela Delegação da Fundação Gulbenkian em Londres. O objetivo do *Entre Gerações* foi promover a relação intergeracional, fomentando a convivência e o trabalho em conjunto de pessoas que, desta forma, se ajudaram mutuamente, mais do que se poderia esperar; o livro homónimo, que se ocupa da documentação desses projetos, garante que este esforço não cairá no esquecimento, mostrando que os mais jovens podem aprender com os mais velhos enquanto ajudam a quebrar a solidão em que muitos destes estão mergulhados.

Do concurso de ideias foram selecionados 18 projetos, sete dos quais portugueses. Ao longo deste livro, abundantemente ilustrado pelo trabalho fotográfico de Isabel Pinto, Laurinda Alves percorre o país, desde Bragança até Beja, passando por Foz Coa, Aveiro, Leiria e Lisboa, mostrando como o desencontro geracional está longe de ser uma inevitabilidade. São disso exemplo as atividades levadas a cabo no sentido de revitalizar o histórico e degradado Parque Infante Dom Pedro, em Aveiro, a Aldeia Pedagógica da Portela, em Bragança, na qual os mais velhos ensinam aos jovens a experiência quase perdida da ruralidade, ou o projeto Toca, nascido no Intendente, que se dedica a aproximar as comunidades de alguns dos mais estigmatizados bairros lisboetas. As imagens simples, belas e expressivas captadas pela lente de Isabel Pinto imortalizam harmoniosamente os rostos, ora frescos de juventude ora envelhecidos pela vida, dos participantes.

Sendo a demografia portuguesa caracterizada por baixas taxas de natalidade e elevadas taxas de mortalidade, o que se traduz no progressivo envelhecimento da população, a ausência de medidas de fundo significa que existe um crescente setor em risco de isolamento e de alienação. É contra esta ameaça que o livro se manifesta, mostrando que novos e velhos têm muito a ganhar com a reaproximação. Onde quase todos viram uma fatalidade, Laurinda Alves descortinou uma oportunidade: uma das consequências desta sociedade cada vez mais idosa é o acumular de experiência, de conhecimento, de memória, e não existirá pior erro do que permitir que todo este saber se esfume. Mais do que isso, como defende a autora deste “manifesto humanista”, estamos perante novos paradigmas, como a existência de pessoas cujos comportamentos e ações fogem àquilo que se espera de alguém da sua idade, pessoas “que não estão condicionadas pela sua idade biológica”. ■

Outras edições **Promoção do sucesso educativo**

Projectos de pesquisa

José Manuel Matos, José Verdasca, Madalena Matos, Maria Emília Costa, Maria Eugénia Ferrão, Paulo Moreira

Uma etnografia na cidade alargada

Hindus da Quinta da Vitória em processo de realojamento

Rita d'Ávila Cachado

A escultura de jardim das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal

Ana Margarida Neto Aurélio Duarte Rodrigues

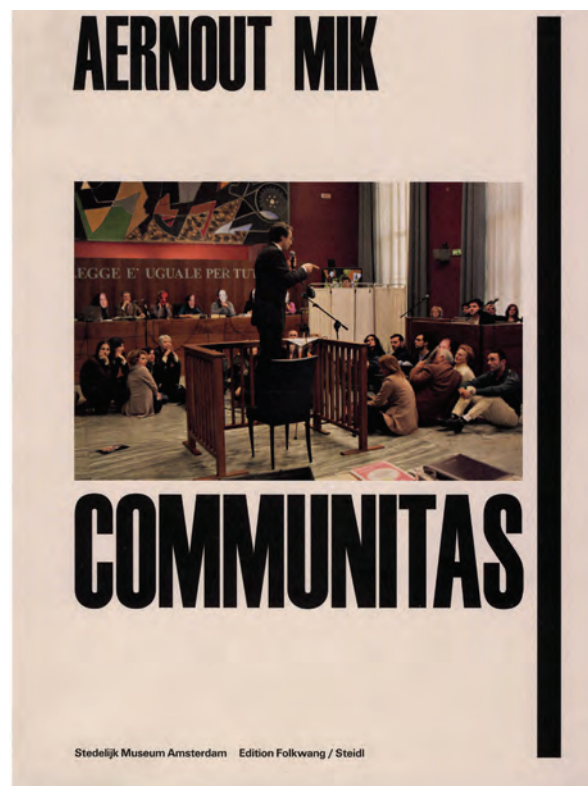
Reedições **A visão de Deus**

(4ª edição revista)

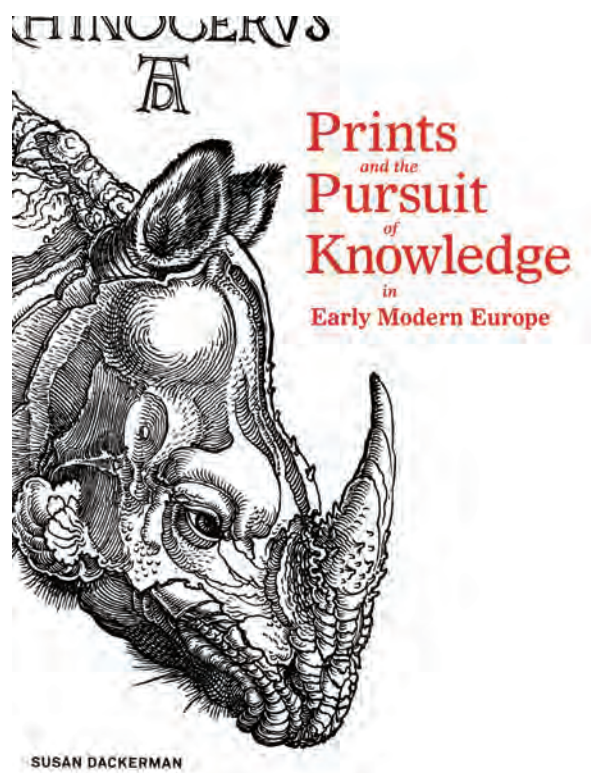
Nicolau de Cusa

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

Uma das exposições que o Stedelijk Museum de Amsterdão apresenta atualmente intitula-se *Aernout Mik: Communitas* e foi coorganizada, em estreita colaboração com o artista, com o Jeu de Paume (Paris) e o Museum Folkwang (Essen), por onde já passou anteriormente. Trata-se de uma exposição retrospectiva do trabalho realizado nos últimos dez anos pelo artista holandês Aernout Mik (Groningen, 1962), com especial ênfase para os seus filmes e vídeo-instalações mais recentes. Desse conjunto, destacam-se duas vídeo-instalações: uma que dá título à exposição – *Communitas* –, apresentada pela primeira vez na Bienal de São Paulo, em 2010; e outra criada propositalmente para esta exposição, intitulada *Shifting Sitting*, que Aernout Mik filmou em Itália (2010-2011) e onde pretende realizar uma reflexão sobre as formas atuais da democracia nos diversos Estados europeus. O catálogo, publicado pela editora Steidl, é coordenado pelas curadoras da exposição – Leontine Coelewijn (Stedelijk Museum), Marta Gili (Jeu de Paume) e Sabine Maria Schmidt (Museum Folkwang) – e contém trabalhos de Aernout Mik desde 1999, uma entrevista com o artista, vários ensaios onde a sua obra é analisada e contextualizada e uma bibliografia selecionada, para além de numerosas imagens dos seus trabalhos. ■



Pelo esplêndido catálogo que foi produzido para a acompanhar, é possível perceber como a exposição *Prints and the Pursuit of Knowledge in Early Modern Europe*, que pode ser visitada até ao **dia 8 de abril**, no Mary and Leigh Block Museum of Art da Northwestern University (Evanston, Illinois), deve ser igualmente esplêndida. Mostrada primeiro no Arthur M. Sackler Museum, um dos Harvard Art Museums, que também a coorganizou, esta exposição tem por objeto as contribuições de artistas como Hans Holbein, Albrecht Dürer e Hendrick Goltzius para o avanço da ciência no século XVI, ou seja, como as ilustrações que realizaram para obras científicas contribuíram de forma determinante para a disseminação das investigações e do progresso científico. O catálogo conta com vários ensaios, tanto de historiadores de arte como de historiadores de ciência, reproduz cada uma das peças expostas – gravuras, mapas, como o primeiro mapa impresso das constelações celestes, desenhado por Dürer, instrumentos científicos –, acompanhadas de um texto de análise, e termina com uma extensa bibliografia. ■



Biblioteca de Arte

Satisfaction

Allan Kaprow (1927-2006) foi um dos protagonistas da cena artística norte-americana da segunda metade do século XX. A recente exposição retrospectiva que lhe foi dedicada – *Allan Kaprow – Art as Life* (2008) – que teve por base de estudo e investigação o seu espólio, guardado no Getty Research Institute (Los Angeles), veio permitir um maior e mais profundo conhecimento sobre o conjunto da sua prática artística, que vai muito além do *happening* de que foi o inventor. Com formação académica em Arte e Filosofia, os primeiros trabalhos que Kaprow realizou, entre o final da década de 1940 e o final da década seguinte, foram de pintura e desenho; mas o seu interesse por aspetos mais conceptuais e filosóficos da arte levou-o a realizar *assemblages* e *action-collages* e finalmente instalações-esculturas, a que chamou *environments* e onde utilizou os objetos do quotidiano como materiais.

Em 1958, enquanto aluno de John Cage na New School for Social Research (Nova Iorque), Allan Kaprow criou o *happening*, termo empregue no artigo que escreveu sobre Jackson Pollock – “The legacy of Jackson Pollock” –, publicado na revista *Art News* em outubro desse ano. O primeiro *happening*, intitulado *18 Happennings in 6 Parts*, aconteceu em 1959, na Reuben Gallery (Nova Iorque), de que Kaprow foi um dos fundadores e contou com Jasper Johns e Robert Rauschenberg entre os participantes. Em 1961, no artigo “‘Happenings’ in the New York Scene”, Kaprow definiu *happening* no contexto da arte contemporânea: um acontecimento coreografado, que facilita e estimula a interação espontânea entre os objetos – mas também pessoas – e os espetadores.

No final dos anos 60, Kaprow passou a preferir utilizar o termo *activity* para as suas ações, que deixaram progressivamente de ser eventos realizados em espaços públicos,

com uma participação mais alargada, para se revestirem de um caráter mais intimista, envolvendo um grupo mais restrito de participantes, que eram muitas vezes amigos seus e alunos. Nos anos seguintes, estes trabalhos/atividades passaram a ser frequentemente acompanhados por *activity booklets*, pequenas publicações compostas por fotografias e textos que, ao fornecerem as indicações necessárias para a sua realização, dispensavam a participação do próprio Kaprow. A partir dos anos 80 e até ao final da sua vida, os seus trabalhos assumiram um caráter ainda mais introspetivo e privado, reduzindo-se os intervenientes a dois ou a um único indivíduo.

Satisfaction foi uma das *activities* criadas por Kaprow, cujo *activity booklet*, que a acompanhou, permite reconstituir. Um grupo de quatro casais representa pequenos guiões, onde a ênfase da ação é dada na atenção (ou falta dela) de que cada um tem necessidade e que espera receber/dar ao outro. Editado pela M.L.D’Arc Gallery, este é um pequeno livro de artista que documenta uma das quatro *performances* de *Satisfaction* realizadas em Nova Iorque, em abril de 1976 “por quatro grupos de quatro, utilizando os seus ambientes quotidianos”, com fotografias a preto e branco e o texto do guião de Kaprow. As últimas páginas contêm um pequeno ensaio do autor, onde ele discute o conjunto de interações emocionais que simples ações de comunicação, como uma conversa telefónica, podem e pretendem provocar nos seus intervenientes. ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP *Satisfaction* / Allan Kaprow ; fotos Bee Ottinger

PUBLICAÇÃO New York : M.L. D’ARC Gallery, cop. 1976

DESCR. FÍSIC [13] p. : il. ; 28 cm

NOTAS Livro de artista

COTA(S) LA 129

SATISFACTION

SATISFACTION



photos: Bee Ottinger

2

A (with B) saying to B:

praise me

(or)

look at me

(or)

comfort me

(or)

feed me

(or)

kiss me

(or)

bathe me

showing how

B, answering: *unh-hunh*

(or)

unh-unh

complying if agreeable

A, repeating request

or choosing another

B, answering

complying or not

till options are exhausted





FERNANDO PESSOA

PLURAL COMO O UNIVERSO

Até 29 de abril

Galeria de Exposições Temporárias da Sede